

A renúncia de Beltrão

O ex-ministro da Previdência Social, Hélio Beltrão, ao se afastar da disputa presidencial, anunciou que continuará a campanha contra a recessão e pela cobrança de maior legitimidade e representatividade do processo sucessório. A seu ver, o Brasil não suporta mais um ano de recessão e a abertura não pode ter como desfecho a perspectiva de um presidente sem amplo apoio popular.

A rigor, ele nunca foi, de fato, candidato à Presidência da República. Faleciam-lhe as condições atualmente exigidas pelo mercado. De início, porque aceitou o abacaxi da Previdência Social, por amizade ao presidente João Figueiredo. Muito relutou. Não o queria porque sabia ser impossível manter a política de facilidades que ajudaram Jair Soares a chegar ao governo do Rio Grande do Sul. Não ignorava que a Previdência está falida, como tudo no Brasil, depois de 19 anos de ditadura e não há quem possa salvá-la. Foi colocado à frente do Ministério exatamente para dizer não. Para negar pedidos. Até espanta não tenha saído mais desgastado do que saiu com a classe política, por não ter como atender às suas demandas, tornadas mais agudas em face da crise.

Beltrão passou no Governo a ser uma espécie de Severo Gomes da era Geisel. A expressar o descontentamento e as preocupações da burguesia nacional com a política econômico-financeira vigente, o que suscitou a ira implacável do ministro Delfim Netto, imbatível no corpo a corpo palaciano que terminou tornando insuportável sua presença no Planalto.

Na planície, proclamou-se candidato, montado no capital de credibilidade, acumulado ao longo de bem-sucedida carreira de empresário e homem público, matéria-prima atualmente escassa entre os homens de Governo. Não procurou aliar votos de convencionais pedessistas.

Buscou ampliar seu Ibope perante a opinião pública e pesquisas e votações simuladas mostraram um excelente perfil de confiança perante a sociedade. Aproveitou a condição de candidato para chamar a atenção do País para os riscos de recessão, da especulação financeira, da centralização excessiva e a favor da recuperação da economia nacional.

Considerado candidato ético, sua adesão ao vice-presidente Aureliano Chaves foi assim encarada com naturalidade. Da mesma maneira, como ninguém se surpreenderá se outro candidato de idêntica postura, o senador Marco Maciel, lhe seguir o exemplo.

Beltrão não acrescenta votos ao político mineiro. Aumenta, porém, o grau de credibilidade de seu nome e de seriedade de sua candidatura, o que, infelizmente, não parece estar contando muito na disputa indireta.

Deixa ao País séria advertência quanto aos graves riscos que nos aguardam na hipótese de chegar à Presidência da República alguém totalmente divorciado das aspirações coletivas e sem um suporte de confiança que lhe permita convocar a sociedade para enfrentar a parcela que ainda nos afligirá por muitos anos.

O CEARÁ NA MODA

Do Nordeste, curral fechado do PDS, pode sair o candidato à vice-presidência da República, pela eleição indireta. Estão na agulha o presidente da Câmara, Flávio Marçilio, ligado à candidatura Paulo Maluf. O ministro das Minas e Energia, César Cals, que forma com a candidatura Mário Andreazza. No lugar do ministro do Interior, a partir de 14 de julho, prazo de sua desincompatibilização, ficaria o senador José Lins, para imenso desgosto do senador Virgílio Távora.

LUSTOSA DA COSTA